

Um pé de cultura e de milho, angico, mangaba e baobá

Clara de Carvalho Machado¹
Marise Basso Amaral²

*“um pé de quê vermelho ou verde
que te quero ver
até caber na tela da TV”*

Um Pé de Quê - Arnaldo Antunes

RESUMO

Apesar da nossa convivência diária com os vegetais, é notável a fragilidade do processo ensino-aprendizagem na área de Botânica. Os motivos que apontam para esta dificuldade no ensino são recorrentes na literatura, porém não são suficientes. Assim, talvez seja necessário um novo olhar sobre as plantas, que são tão presentes em nossas vidas. A separação entre produção científica e as questões culturais tem sido incorporada “naturalmente” pela escola. Além disso, nossa sociedade sofre os sintomas da *cegueira botânica* que se caracteriza pela falta de reconhecimento das plantas como algo mais que componentes da paisagem. Assim, como encontrar histórias que nos permitam construir outras relações com esses seres vivos? Buscamos neste trabalho outras possibilidades de leitura e de produção de sentido sobre as plantas, atentando para diferentes narrativas sobre elas permitindo às mesmas novas formas de visibilidade e protagonismo. Com esse objetivo, foram analisados três episódios do programa "Um pé de Quê?", apresentado por Regina Casé e exibido pelo canal Futura. A partir de tais análises, articulamos a ideia da construção de uma *identidade botânica*, conferindo às plantas, particularidades, singularidades e a possibilidade da individualização de suas histórias. Os textos e imagens narrados pelo programa produzem um emaranhado de sentidos onde o saber científico está no mesmo patamar que as histórias dos lugares por onde o programa passa, dos saberes locais, dos personagens botânicos e humanos, das histórias individuais e memórias que vão conferindo aos sujeitos botânicos um novo lugar na cultura e também na própria natureza.

Palavras-chave: Um Pé de Quê?, ensino de botânica, *cegueira botânica*.

¹ Graduanda em Ciências Biológicas na Universidade Federal Fluminense.

² Bióloga. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense.

A culture and corn, angico mangaba e baoba tree

ABSTRACT

Despite our daily contact with plants, it is remarkable the fragility of the teaching-learning process in the field of Botany. The reasons that point to this difficulty are recurrent in literature, but they don't seem to be sufficient. Perhaps we should take a new look to plants once they are frequently present in our lives. The separation between scientific production and cultural issues has been incorporated "naturally" by school. Moreover, our society suffers with symptoms of *plant blindness*, which is characterized by a lack of recognition of plants as something more than landscape components. Following this point of view, how can we find stories that allow us to build relationships with these other living beings? This work aims at further possibilities of reading and meaning production on plants, focusing on different narratives about them, allowing some new forms of visibility and playing central roles. With this objective, we analyzed three episodes of the program "Um Pé de Quê?", presented by Regina Case and displayed by Futura channel. Based on these analyzes, we articulate the idea of building a *plant identity*, giving the plants characteristics, singularities and the possibility of individualization of their stories. Texts and images narrated by the program produce a net of meanings in which scientific knowledge has the same value than the stories of the places where the program passes, the local knowledge, the botanical and human characters and individual stories and memories that will confer on botanical subjects a new place in culture and also in nature itself.

Keywords: Um Pé de Quê?, teaching of botany, *plant blindness*.

A BOTÂNICA NA ESCOLA E NA SOCIEDADE

O presente trabalho se construiu a partir da constatação que o campo da Botânica é ainda um campo de conhecimento que recebe pouca atenção nos currículos escolares. Ao mesmo tempo, quando isso acontece – geralmente na educação infantil e séries iniciais – os conhecimentos desse campo são mobilizados em projetos educativos, em ações relativas ao meio ambiente ou trabalhos de educação ambiental que se materializam principalmente na distribuição de mudas, na construção de hortas nas escolas e no desenvolvimento de discussões sobre alimentação saudável. Sem querer discutir o mérito dessas ações e de seu potencial educativo, observamos muitas vezes, que trabalhar com as plantas num primeiro momento nos confronta com o desafio de articular outros espaços e tempos no currículo escolar. Assim, o trabalho com uma horta pode ser uma fonte perene de múltiplos aprendizados, renovações, observações e discussões, ou, muitas vezes, fonte de frustração por parte de crianças e professores, uma vez que o tempo das plantas extrapola o tempo de duração dos períodos de ciências, dos projetos escolares, das ações pontuais. Demanda outro ritmo, outra velocidade, outra qualidade de interação.

Além disso, outros motivos apontam para a dificuldade da inserção desse tema nas escolas e na sociedade de modo geral, são eles: a falta de

contextualização e de interesse dos alunos, os temas priorizados no currículo, a difícil linguagem científica, as imagens estrangeiras nos livros didáticos e a forma conteudista do ensino, baseado em memorizações (Martins; Braga, 1999 e Silva; Cavassan, 2005). Porém, não é simples aceitar que um tema tão corriqueiro em nossas vidas, como a botânica, possa ser tão difícil de contextualizar e de despertar interesse nos alunos. Provavelmente, estas limitações estão mais relacionadas ao ensino tradicional que ainda impera na maioria das escolas ou mesmo à falta de espaço curricular que se apresenta a esse conteúdo dentro do ensino de ciências naturais e biologia, posicionando-o em segundo plano no contexto escolar. Grande parte da literatura encontrada sobre alternativas que visam melhorias no ensino de botânica restringe-se a elaboração de recursos didáticos e aulas práticas, o que remete a uma formação mais técnica dos alunos (Silva; Cavallet; Alquini, 2006).

Mas, afinal, onde estão as plantas? Pensando a respeito da dificuldade de se contextualizar a vida vegetal de forma que contribua para uma melhor interação com as plantas, cabe o questionamento de como elas se encaixam em nossas vidas, como elas aparecem no nosso cotidiano, como fizeram parte de nossa infância e de que maneira toda essa relação pode nos ajudar a aprender a respeito destes seres vivos.

Yorek, Sahin e Aydin (2009), discorrem sobre a dificuldade dos estudantes em considerar as plantas como seres vivos, com a devida importância para o equilíbrio ecológico de ecossistemas, sobretudo porque um dos principais componentes para a construção do conceito de vida para os alunos é a locomoção. Uma conclusão que os autores chegam com o estudo diz respeito à visão antropocêntrica do conceito de vida, a qual influencia fortemente o processo ensino-aprendizagem. Apesar de ser importante que busquemos diferentes abordagens, menos centradas no modo humano de viver, muitas vezes parece inevitável a aproximação da natureza através da objetificação da mesma. Os pontos de vista que envolvem o ensino também são construídos na cultura, que é humana, e por isso nos deparamos com a grande dificuldade de separar os objetos de estudo de suas funções e apropriações que ocorrem dentro desta mesma cultura. Porém, é importante que sejamos capazes de reconhecer o antropocentrismo, quando existente, e a partir dele buscar novas formas de abordagens menos antropocêntricas.

Essa pouca atenção dedicada às plantas é também reflexo de um processo mais amplo denominado por Wandersse e Schussler (1999) de *cegueira botânica*, a qual é definida pela dificuldade em notar as plantas em

determinado ambiente. Dentre os “sintomas” que os autores atribuem às este fenômeno destacamos a não percepção das plantas na vida e afazeres diários, a concepção de que as plantas são apenas o pano de fundo para a vida animal, a falta de compreensão das formas de matéria e energia de que os vegetais necessitam para se manterem vivos e a falta de distinção entre as escalas de tempo das atividades de plantas e animais. Esta inabilidade em “enxergar” as plantas pode levar à incapacidade de reconhecer a importância das mesmas para a biosfera e para os afazeres humanos. E ao mesmo tempo, reforçar uma visão antropocêntrica do equivocado patamar de inferioridade das plantas em relação aos animais, levando a conclusão de que as primeiras são menos importantes aos humanos.

A *cegueira botânica* aparece como um assunto que merece a atenção de pesquisadores preocupados com a educação como um todo uma vez que uma sociedade que não consegue “enxergar” as plantas também não será capaz de entender a importância destes seres para o equilíbrio ecológico e a importância de conservá-los (Gagliano, 2013). Wandersee e Schussler (2001) destacam ainda que os motivos da tendência humana de não notar as plantas no ambiente não são simples, pois podem ser provenientes da capacidade cognitiva cerebral, do grau de atenção que damos aos fatos e objetos, da cultura, dentre inúmeros outros fatores ainda não esclarecidos. Devido a tais fatores, também, que estes “sintomas” variam no tempo, na cultura e, inclusive, de pessoa para pessoa, assim, não são estáticos, homogêneos ou determinantes. Neste sentido, a aproximação do estudo desses seres vivos com a cultura pode ser uma ferramenta facilitadora para o ensino. Na cultura conseguimos identificar outras formas de narrar, representar, interagir e produzir conhecimento sobre as plantas os quais, muitas vezes, não são considerados no planejamento de atividades de cunho educativo. Assim, nos questionamos: em quais espaços na cultura encontramos as plantas protagonizando histórias? Como produzir discursos que possam dar a elas maior visibilidade na nossa sociedade? De que forma podemos articular esta visibilidade e protagonismo no currículo escolar? Essas são questões que nos desafiaram ao longo do trabalho e que continuam reverberando, uma vez que não são de simples e imediatas respostas. Apostamos que podemos encontrar diferentes possibilidades de lidar com elas, para além dos espaços educativos formais.

ONDE AS PLANTAS PROTAGONIZAM HISTÓRIAS?

Assim, acreditamos que uma produção cultural que, de certa forma, tensiona essas questões é o programa “Um Pé de Quê?”. Nossa escolha de direcionar nosso olhar para esse programa vem de nosso entendimento que a

mídia (cinema, revistas, publicidade, documentários, programas educativos etc) constitui-se em importante local de produção de saberes, valores e subjetividades de nosso tempo. Nesse sentido, o presente trabalho é resultado de uma investigação que teve como objeto de análise seis episódios deste artefato cultural.

O programa, apresentado pela Regina Casé, foi criado e produzido pela Pindorama Filmes e é exibido no Canal Futura. A busca de trabalhar o conteúdo botânico como entretenimento de massa parece ser a força motriz por trás do mesmo, sempre provocando diálogos entre a ciência e o conhecimento popular, aproximando, assim, as árvores dos espectadores através da música, da culinária, da história, da tecnologia, da antropologia etc. Sua história mostra que o compromisso das diferentes temporadas não se restringe apenas ao saber científico e à identificação morfológica das plantas, mas também em contar as histórias dos lugares por onde passa, articulando saberes locais, personagens botânicos e humanos, histórias individuais, memórias, além da preservação ambiental e a informação qualificada, interessante e contextualizada a respeito dos biomas. Atualmente o programa já completou dez anos no ar, contabilizando mais de 100 árvores retratadas. Um dos principais objetivos do programa é facilitar a identificação das espécies vegetais, por isso, nos episódios sempre está presente a linguagem científica e técnica que envolve os termos morfológicos na botânica, como pecíolo, folíolo, folhas pinadas ou bicompostas, por exemplo. Porém, para além dessa identificação puramente científica, os episódios transformam as plantas em seres com identidade própria, protagonizando histórias singulares, e isso é, ao que parece, a principal estratégia para ajudar na identificação das plantas abordadas. As histórias que envolvem as árvores tratadas, os personagens que aparecem nessas histórias e suas diferentes narrativas constroem uma *identidade botânica* para essas plantas, que não se limita à morfologia, às propriedades alimentícias ou medicinais comprovadas pela ciência, mas envolve também muita cultura, rituais, tradição e saberes por vezes esquecidos ou desprezados. Feitas essas considerações, como a formação da *identidade botânica*, tal qual os episódios do programa a constroem, pode auxiliar na ruptura de formas tradicionais de ver? Ainda, nesse processo, como construir outras possibilidades de significar e interagir com esses seres vivos?

POR UMA IDENTIDADE BOTÂNICA...

Nas análises realizadas de episódios do programa “Um Pé de Quê?” procuramos justamente identificar as estratégias utilizadas na construção de uma identidade própria para as plantas apresentadas em cada episódio, pois as

histórias que as envolvem levam a uma individualização que nos faz atentar com mais cuidado para cada espécie, inclusive para os seus aspectos científicos. Essa forma particular de olhar para as plantas está ausente ou enfraquecida em uma sociedade que apresenta, em diferentes graus, alguns sintomas da *cegueira botânica*. Martins (2008) constata em seu trabalho a boa aceitação do programa pelos alunos, de oitavo e nono ano do Ensino Fundamental, quando utilizado como recurso didático nas aulas de botânica. Queremos destacar, que mais que uma ferramenta didática útil, o programa “Um Pé de Quê?” nos apresenta um outro modo de inserir a Botânica na nossa vida, tornando-a um conhecimento que dialoga com os saberes populares, que se aproxima das histórias de pessoas e lugares, que além de ensinar, procura e consegue entreter. Dentre os seis episódios analisados, restringiremos aqui ao desenvolvimento de quatro: Milho, Mangaba, Angico e Baobá.

Os episódios foram gravados e assistidos observando, num primeiro momento, a estrutura geral, a identidade visual, a forma como os sujeitos botânicos eram apresentados e os aspectos levados em consideração para a construção de uma identidade botânica. Assim, foram observados quem eram os entrevistados em cada episódio, quais as falas privilegiadas, como eram amarradas as histórias e as particularidades encontradas para cada planta. Estabelecendo assim as características comuns presentes em todos eles e as especificidades de cada um.

A FRUTA QUE NÃO TEM DONO...

O início do episódio sobre a Mangaba não é uma pergunta, como é normalmente, mas uma encenação que se passa no estado de Sergipe. Debaixo da Mangabeira estão dormindo alguns rapazes que esperam que os frutos caiam da árvore para colhê-los mas adormecem, enquanto isso, outros meninos aparecem e colhem as Mangabas caídas no chão. Essa encenação remete a um fato que é retomado muitas vezes depois ao longo do episódio: “*Mangaba não tem dono, é de quem encontrar a caída no chão*”.

Na próxima cena, a apresentadora Regina Casé para na estrada para comprar Mangabas a cinco reais e conhece a vendedora, primeira entrevistada do programa. A vendedora então nos apresenta sua filha e depois outras vendedoras vizinhas. Nesse momento, o episódio mostra como a planta é essencial na vida da população local, sobretudo economicamente, pois muitas famílias de Aracaju vivem da venda da Mangaba. A vendedora informa que a fruta colhida diretamente do pé, conhecida popularmente como “de vez”, não é apropriada para o consumo, pois ainda precisa amadurecer. Portanto, é preciso

embrulhar a fruta por alguns dias antes de consumi-la, ou colher a fruta do chão, ou a fruta “decaída”. Na entrevista com as vendedoras de Mangaba também descobrimos que a árvore demora cerca de seis anos para começar a dar frutos, que será o tempo correspondente para que a filha caçula da vendedora torne-se uma “*moça bem grande e muito estudiosa, muito carinhosa, charmosa*”, segundo a própria.

Então, inicia-se uma abordagem mais científica a respeito da Mangabeira, mas ainda mantendo a linguagem de fácil compreensão que se dá ao longo de todo o programa. O trecho a seguir é narrado, acompanhado de imagens da árvore e mapas que ilustram a ocorrência natural:

A Mangabeira é uma árvore de porte médio, cinco a dez metros de altura, uma copa assim arredondada, o tronco todo tortuoso, bastante ramificado. Folhas simples, brilhantes, que ficam vermelhinhas quando estão nascendo ou já perto da hora de cair. A árvore tem flores perfumadas, bem branquinhas. Ocorre principalmente no Brasil, sendo mais abundantes nos tabuleiros e baixadas litorâneas do nordeste. Acha-se também no cerrado do centro-oeste, no norte de Minas e em parte da Amazônia. O fruto dela, a Mangaba, é uma das frutas mais apreciadas no nordeste. (Trecho retirado do episódio Mangaba)

Logo em seguida, aparecem na tela os nomes vulgares e o nome científico da planta, no mesmo formato habitual, recorrente em outros episódios.

O látex da árvore, então, entra em cena e quem discorre sobre o assunto é um feirante do Mercado Municipal de Aracaju que vende o látex. Por ser muito abundante na espécie, ao retirar uma folha ou mesmo o fruto, pode-se notar o látex. O feirante cita diversas propriedades medicinais do látex: alivia a tosse, fortalece os ossos, principalmente quando são fraturados, trata úlceras, herpes e pancadas.

O cenário muda para outra cidade, São Cristóvão, onde ocorreu uma invasão holandesa no século XVII. O narrador é, agora, um médico holandês que escreveu sobre a Mangaba no ano de 1637. O seu discurso se assemelha bastante com o texto científico que caracterizou a planta no início do episódio. Assim, a morfologia vegetal é retomada, agora, com outras palavras, com um discurso antigo, colonizador:

O excelente fruto dessa árvore, a que chamam Mangaba, penso, não deve ser ignorado nem omitido, pois lisonjeia tão

deliciosamente a gula e tem sabor tão agradável que não sei se a América produz uma fruta mais bela e gostosa. Vêem-se viçosas constituírem bosques inteiros, emitem folhas pequenas, rijas, de um belo verde, produz uma flor pequena, branca e muito cheirosa. O fruto é redondo, comestível, dourado na face exposta ao sol, salpicado de manchas vermelhas. Apertados, ainda que de leve, vertem um líquido níveo e muito agradável ao paladar. (Trecho retirado do episódio Mangaba)

A seguir, em uma restinga repleta de Mangabeiras, um agrônomo é entrevistado. As falas do profissional também remetem à fala anterior da vendedora de Mangabas, a primeira entrevistada, pois ele confirma que a melhor Mangaba é a “decaída” e que a Mangaba “de vez” precisa de alguns dias para amadurecer. Além disso, ressalta que a Mangaba está em risco de extinção devido à perda de território para a agricultura e para a expansão urbana. Uma curiosidade bastante popular é trazida justamente pelo agrônomo: o nome da fruta, Mangaba, também é uma gíria local, devido à característica da fruta ser mole, o nome mangaba também é utilizado para algo que seja simples, fácil, mole. Além disso, uma história sobre a Segunda Guerra Mundial também envolve esta planta, pois após a tomada pelos japoneses da região da Ásia onde havia seringueiras que forneciam látex aos Estados Unidos, os americanos iniciaram a exploração de látex no Brasil, não somente das seringueiras, como também das Mangabeiras, para a produção de borracha. A Lei Mangaba é o último aspecto que o entrevistado comenta, esta lei decreta a Mangabeira como árvore símbolo do Estado de Sergipe. Os créditos finais do programa passam ao som de uma música sobre a Mangaba, tocada por um músico sentado com seu violão à sombra de uma Mangabeira.

Todas as histórias que envolvem esta planta são muito diferentes. A vendedora que depende economicamente dos frutos da Mangabeira, os holandeses que invadiram Sergipe e se renderam ao sabor da Mangaba, a exploração de látex pelos americanos, o feirante vendedor de látex medicinal. Todas as histórias envolvem diferentes personagens que se encontram nessa espécie vegetal. Muitos discursos são repetidos, ou seja, o conhecimento da vendedora na beira da estrada é também citado pelo profissional em agronomia, e este é quem traz a curiosidade sobre a gíria que envolve o nome da Mangaba. Logo, os discursos tem muitos rostos, eles se repetem, se mesclam, e com isso mostram que o conhecimento é oriundo das experiências que são vivenciadas pelos diferentes sujeitos, e que, em algum ponto, entram em confluência.

O SUSTENTO DA VIDA...

O programa sobre o Milho traz menos entrevistados e cenários menos diversificados, porém, a riqueza em informações e histórias não se altera. O episódio se inicia com a apresentação da diversidade de subespécies de Milhos existente, atizando a curiosidade de quem assiste, e que, provavelmente, conhece poucas variedades da espécie. A apresentadora Regina Casé diz que aprendeu com o programa que está prestes a começar que existem doze mil variedades de Milho espalhadas pelo mundo.

Grande parte do episódio apresenta uma monocultura de Milho como cenário. A princípio, somos apresentados ao Teosinto, uma espécie ancestral relacionada evolutivamente com o Milho, mas que é morfologicamente, muito diferente. Em termos bastante científicos, a morfologia da espécie é, então, apresentada:

O Milho é uma gramínea que varia de 1 a 4 metros de altura, é constituída de um caule ereto, não ramificado, apresentando nós e entrenós, como o bambu. Desses nós que saem as espigas, cada uma com mais ou menos de 200 a 400 grãos. As suas folhas são dispostas de maneira alternada. (Trecho retirado do episódio Milho)

Em seguida, o nome científico do Milho é apresentado e explicado: *Zea mays*, sendo que o termo *mays* tem origem em uma língua já extinta proveniente do Caribe, e significa “sustento da vida”. Com essa temática levantada, o episódio trata das informações nutricionais do Milho, o que não é de costume em outros episódios, mas que se justifica pela importância alimentar que o Milho representa em nossa sociedade.

Para contar a história do Milho, as lendas Inca, Maia e Asteca relacionadas ao vegetal são contadas, pois estes povos foram os pioneiros no cultivo do cereal. É ressaltada, então, a importância do homem na perpetuação do Milho e a dificuldade da dispersão das sementes de forma natural, pois as mesmas apodrecem ainda dentro da espiga. “*O Milho precisa das mãos do homem para existir.*”

Um pesquisador da EMBRAPA é entrevistado, e conta a trajetória do Milho desde a América Central até a América do Sul, sempre acompanhando as civilizações humanas. Além disso, comenta sobre a manipulação genética da espécie, a produção de híbridos capazes de resistir a insumos químicos e as consequências que tais práticas causam para a contribuição da perda de

diversidade genética da espécie, que carrega consigo um pouco das tradições de cada povo que a cultivou. Além da erosão genética, ocorre também uma erosão cultural com a hibridização do Milho. Tal perda de diversidade genética pode ser evitada com trocas de sementes, as quais o pesquisador facilita através de feiras de trocas.

Assim, Regina Casé e o pesquisador da EMBRAPA encontram-se com uma produtora orgânica da cidade de Magé (RJ) para uma feira de trocas, com sementes que vieram de diferentes produtores orgânicos do país acompanhadas de cartas. A agricultora comenta sobre o potencial medicinal do “cabelinho” da espiga, a parte feminina da planta, a qual atua combatendo a anemia, bem como em problemas renais, e, ainda, discorre sobre a importância de ser uma agricultora orgânica e agroecológica, e lamenta que a cidade de Magé ainda não tenha se conscientizado da importância da não utilização de adubos químicos na plantação.

O Brasil é o terceiro maior produtor de Milho do mundo, que é o cereal mais cultivado ao redor do globo. Além da alimentação humana, o cultivo destina-se à alimentação animal, produção de plásticos, adesivos, pólvora, antibióticos, etanol e etc.

O cenário, agora, torna-se um centro de umbanda, onde é mostrada a importância do Milho nas tradições africanas, pois foi o substituto do sorvo, um cereal trazido pelos africanos no período colonial que não sobreviveu ao cultivo em terras brasileiras. Diferentes pratos oferecidos para Orixás são apresentados por uma frequentadora da religião.

A pipoca é um dos pratos oferecidos para Orixás, e com essa temática, a apresentadora vai ao cinema, para afirmar que 40 por cento do lucro destes estabelecimentos são oriundos da venda de pipoca. O estouro do Milho de pipoca é, então, explicado.

Um grande desafio do episódio foi conseguir construir uma identidade a uma planta que é fatalmente reconhecida como um produto comercial. O Milho não consegue se dispersar na natureza, é uma planta muito dependente do homem e que leva consigo o rótulo de alimento, o código de barras. Desta forma, apresentar o ancestral selvagem, a rota de migração do Milho e as diferentes variedades tão pouco conhecidas, foram estratégias utilizadas para despertar o aspecto botânico e/ou biológico desta planta. O Milho é um tema transversal, que perpassa nossa cultura, nossos hábitos contemporâneos, mas que também tem muito história remota, de povos e tradições que já foram

extintas. Ao final do episódio, o pesquisador da EMBRAPA, de quem poderíamos esperar discursos mais científicos e conceituais, ressalta, a despeito disso, a importância cultural do Milho e defende a sua valorização:

O Milho é a história da vida. O Milho não pode ser encarado somente como um produto comercial. Ele ta inserido também nessas tradições milenares, e é isso que nós temos que preservar, porque na vida além do Milho nós temos o deus do Milho e que eles consagraram uma coisa fantástica que se chama amor. E o amor é o que os Astecas pregavam com a cultura do Milho, então eu acho que nós temos que preservar exatamente isso. (Trecho retirado do episódio Milho)

UMA ÁRVORE QUE ENSINA SOBRE VAQUEIROS, TROPEIROS, CIGANOS E CANGACEIROS...

Regina Casé, no episódio sobre a árvore Angico, inicia ressaltando a dificuldade em identificar uma árvore em meio à exuberância de nossas matas brasileiras. Mesmo com mais de dez anos de programa, e muito estudo botânico, a apresentadora ainda assume não conseguir identificar muitas árvores, afinal, não é simples, requer muita atenção e dedicação. Porém, a árvore tratada nesse episódio, segundo ela, é bem fácil de ser identificada, por causa do tronco, das folhas e dos frutos bem característicos.

A primeira história apresentada que gira em torno desta árvore é de 1859, quando Dom Pedro II resolveu investir em uma comissão científica exclusivamente brasileira para corrigir os erros que os naturalistas estrangeiros possam ter cometido a respeito da flora e fauna brasileiras. Além disso, a comissão também tinha como objetivo catalogar novas riquezas naturais e mostrar que o Brasil também era capaz de encabeçar pesquisas científicas. Uma das árvores encontradas por esta comissão científica foi o Angico, a estrela do programa.

Os nomes vulgares e o científico são, então, apresentados na tela da televisão, bem como a área de ocorrência natural, que sob a forma de um mapa silencioso, aponta para grande parte do litoral brasileiro. A descrição da árvore se dá com os seguintes termos:

O Angico ou Angico Branco, como também é conhecida, é uma árvore semi-decídua, ou seja, perde parte das folhas no período da seca. Na caatinga, o Angico tem entre três e quinze metros, mas em outros ecossistemas ele chega até os vinte metros. As folhas são compostas e as flores são assim, branquinhas e

pequeninhas, com um miolo amarelado. Elas desabrocham a partir do mês de novembro, prolongando-se até janeiro. A maturação dos seus frutos ocorre entre os meses de julho e agosto. Produz, anualmente, grande quantidade de sementes viáveis. (Trecho retirado do episódio Angico)

Nessa descrição, importante para a identificação da árvore, mesclam-se termos científicos e populares. Apesar de se apresentar a explicação do termo semi-decídua, não há a explicação do que seria uma folha composta, o que será retomado posteriormente no episódio.

Uma substância muito importante para a história do Brasil, o tanino, entra em cena, pois está presente no tronco *“todo encarquilhadinho”* do Angico. O tanino é utilizado para curtir o couro, e com essa afirmativa, uma nova narrativa se constrói, a de um artesão de couro que será entrevistado.

O artesão é entrevistado junto com o seleiro com quem trabalha, e, ambos mostram como se dá o processo de curtir o couro. O couro é mergulhado em diversos tanques com diferentes misturas, em ordem determinada, dentre tais misturas, já no último tanque do processo, está a água com a casca de Angico. O artesão, mostrando seu trabalho, conta sobre as diferentes vestimentas dos povos da região, do vaqueiro, do cigano, do tropeiro e do cangaceiro. O vaqueiro, por exemplo, é todo coberto por um couro bem grosso, rústico, e a relação dessa vestimenta com a flora do sertão é ressaltada pela apresentadora, afinal, por ser um bioma rico em plantas espinhosas e cactáceas é preciso proteger a pele com roupas bem mais grossas. O cangaceiro, por sua vez, usa um sapato com a sola retangular, para que ninguém seja capaz de distinguir o caminho tomado por ele seguindo suas pegadas. Desta forma, a árvore sai um pouco de cena, e muitas histórias sobre a região são contadas. Mas essas histórias compõem o cenário do sertão, bem como o Angico, e nesse contexto a apresentadora, que se coloca no lugar de aprendiz, retoma a protagonista de todas essas histórias: *“Eu amo tanto essas histórias! Eu vim aqui pra falar de árvore! Olha só como o Angico, uma árvore, me trás para aprender isso tudo!”* Além disso, ela ainda salienta a diferença dos termos utilizados na fala dos entrevistados para os termos utilizados no Sudeste do país. O artesão entrevistado, do sertão, fala com o corpo todo e usa palavras como “zelar”, que não são comumente utilizadas nas grandes cidades, e que se mostram tão raras quanto a calma ao narrar e gesticular cada detalhe, como é visto na entrevista com o artesão.

Ao final desta entrevista, é mencionada a importância de se manter determinados hábitos tradicionais, como a utilização da casca do Angico no curtume de couro. Pois houve uma proibição desta prática, fazendo com que os artesãos tivessem que comprar couro das cidades para confeccionar os produtos, o que desempregou muitos homens da região. A casca do Angico demora menos de dois anos para se regenerar, dependendo do inverno, quanto mais chuvoso, mais rápida é a regeneração. Esse saber está inserido no manejo da árvore pelos trabalhadores da região, e deveria ser respeitado.

O último entrevistado do programa é um agricultor ecológico, que também ressalta a dificuldade em identificar as plantas. Nesse momento, a apresentadora explica o termo “folha bipinada” que não havia sido explicado no momento da descrição morfológica da árvore quando foi mencionada que a mesma possuía “folhas compostas”. A folha bipinada parece uma pena, e é pena duas vezes. Desta forma, com palavras simples e diretas, o termo se torna familiar.

O agricultor informa aos espectadores o que o Angico pode proporcionar para uma agrofloresta. A árvore apresenta um potencial repelente, pois o sumo da casca é capaz de espantar a mosca branca, um inseto que pode ser perigoso para determinadas culturas. Além disso, a resina que escoa do tronco, muitas vezes por buracos abertos por espécies de macacos da região, é utilizada para fins medicinais. A mesma planta é tóxica e medicinal, dependendo da parte utilizada. Outra forma como o Angico contribui para a plantação é através da poda. Após a poda, os galhos são deixados no chão para proteger a terra do sol forte do sertão, possibilitando que a umidade permaneça no solo, enriquecendo-o. O agricultor ressalta, ainda, a facilidade de dispersão das sementes. O fruto seca, abre e as sementes são levadas pelo vento. No início da ocupação do espaço, afirma, não havia uma árvore sequer da espécie, mas a vinda do Angico trouxe novas possibilidades, como o uso do repelente e do mel da resina, além de fornecer sombra para outras espécies vegetais.

Através dos consórcios, a agrofloresta permite que sempre haja alimento. Se não é época de colheita de determinada cultura, certamente haverá outra pronta para ser usufruída. Ao final do episódio, a apresentadora, junto com o agricultor ecológico, discorre sobre a importância de introduzir a floresta na agricultura. Ao invés de a agricultura tomar o espaço da floresta, desmatando para expandir a fronteira agrícola, exemplos do agricultor entrevistado constata que a harmonia entre floresta e agricultura pode gerar alimento, emprego, renda e frutos bastante saborosos. E foi o Angico, essa árvore de

folha compostas, com o tronco encarquilhado e frutos abundantes, que nos levou ao século XIX, ao curtume no sertão, ao vaqueiro, ao cangaceiro e ao agricultor. Agora, é bem mais fácil identificá-la, pois está dotada de muitos significados.

UMA ÁRVORE E UM CONTINENTE...

O episódio do Baobá se faz no contexto em que o programa visita árvores estrangeiras, no caso, as africanas. A apresentadora inicia o episódio com perguntas, como de costume. Dessa vez, a pergunta gira em torno da identidade de um país. Qual é a árvore que representa o nosso país? O Pau-Brasil? A Palmeira? O Caju? A Araucarea? Para representar milhões de pessoas tão diferentes, afirma Regina Casé, é preciso uma árvore muito grandiosa, como o Baobá. O Baobá é então apresentado, uma árvore africana, e a pergunta permanece, “*será que o Baobá pode ser escolhido para representar a África inteira?*” O cenário é, então, transferido para a savana africana, onde, segundo a apresentadora, não há nada mais imponente que o Baobá.

Um narrador, acompanhado de imagens da árvore em questão, narra textos de 1953 e 1949, do Padre David Boilat, um escritor senegalês, e Michel Adanson, um botânico francês que primeiro descreveu o Baobá, respectivamente. Estes discursos mostram a importância do Baobá para a região, como além de útil, é essencial. Mas isso não é o suficiente para responder a pergunta inicial, afinal, essa pode ser uma visão “estrangeira”, “colonizadora”, alerta Regina. Ela então afirma que é preciso ir até a África, em Moçambique, na cidade de Maputo, para descobrir se o Baobá é mesmo a cara da África. Em Maputo, vamos aprendendo nesse episódio, falam-se vinte línguas diferentes, e o Baobá apresenta, então, mais seis nomes: Ximuio, Ximuo, Xibuio, Embondeiro, Nonde e Mulapa. Esses nomes foram descobertos através de entrevistas feitas com moradores, em uma rua da cidade.

Após essa apresentação da árvore, entram em cena aspectos mais científicos, os nomes vulgares brasileiros e o nome científico, imagens de partes da árvore e a ocorrência natural que corresponde à Austrália, Madagascar e estepes africanas. Em seguida, é mencionada a família a qual a planta pertence, a Bombacaceae, a mesma da Paineira, árvore brasileira de onde retiramos algodão para travesseiros e colchões. Outras características botânicas são tratadas como a característica de ser caducifólia, permanecendo

a maior parte do tempo sem folhas, ser de clima tropical e subtropical e de solos arenosos e argilosos.

É entrevistado, então, um botânico, professor da Universidade de Moçambique, que nos mostra um Baobá muito pequeno, mas que levou quinze anos para germinar, e está plantado na Universidade há dez anos. Também mostra outro indivíduo, médio, que está há aproximadamente cinquenta anos plantado. O professor informa que uma árvore de Baobá pode chegar a viver dois mil anos atingindo 25 metros de diâmetro.

Em seguida, o programa pega a estrada para procurar um Baobá, e com uma música em dialeto africano ao fundo, a apresentadora vai parando na estrada para perguntar a grupos de pessoas que encontra no caminho onde pode encontrar a árvore e cada vez que pergunta, usa um dos sete nomes que a árvore apresenta. Enfim, um homem nativo da região leva a apresentadora até a árvore, e a comunicação entre os dois é bastante difícil. É preciso jogar uma moeda aos pés do Baobá para se aproximar, sem que seja feita qualquer explicação a respeito.

O Baobá pode armazenar até 120 mil litros de água em seu tronco, e esse é um dos assuntos tratados no filme “A Guerra da Água”, cujo cineasta é entrevistado. O filme trata da escassez de água na região de Maputo após a uma guerra. Nestas circunstâncias, a população local abria cisternas nos troncos dos Embondeiros, pois a árvore cria uma nova casca interna, impermeável, possibilitando o armazenamento de água sem que apodreça. Os homens que abriam tais cisternas eram curandeiros ou feiticeiros, pois a atividade envolvia rituais como a abstinência sexual e a dieta sem sal, caso contrário, a árvore apodreceria e morreria.

Nesse momento do episódio, trata-se de outro aspecto científico da árvore, a floração. As flores ocorrem apenas uma vez por ano e duram uma noite, entre maio e agosto. A flor mede dez centímetros de diâmetro e fica pendurada de cabeça para baixo, além disso, o cheiro que exala não é muito agradável, assemelha-se ao cheiro de carniça.

Voltando à cultura que envolve a árvore, a entrevista agora se dá com um curandeiro da região, e ele nos explica o ritual de jogar moedas ao pé do Baobá, trata-se de uma proteção contra feitiços que outros curandeiros possam, eventualmente, fazer na árvore. A fruta contém sementes brancas, e, se misturada com água ou leite, pode curar a impotência sexual ou mesmo aumentar o “sexo” dos homens, segundo o curandeiro. Além disso, um banho

com a água do Baobá ajuda a engordar, ou crescer em excesso a cabeça de crianças, caso tenham suas cabeças lavadas pela água.

O autor de “O Pequeno Príncipe”, é claro, também entra nas narrativas que envolvem o Baobá. Acredita-se que o Baobá que inspirou o vilão da história no famoso livro seja um dos raros exemplares brasileiros encontrados na cidade de Natal, onde o escritor e aviador francês Antoine de Saint-Exupéry fazia escala nas conexões aéreas entre Europa e Argentina e ia sempre visitar a árvore. A apresentadora nos conta, então, uma lenda da árvore antes de conversar com o último entrevistado do episódio:

Diz a lenda que o Baobá era uma árvore muito invejosa, tinha inveja da magreza da Palmeira, da beleza das flores da Árvore de Fogo, dos frutos da Figueira, e vivia reclamando, reclamando, reclamando... Sem aguentar mais de tanta inveja, tanto recalque, os deuses o arrancaram do chão e enfiaram de cabeça para baixo. Esses galhos aí seriam, na verdade, raízes. (Trecho retirado do episódio Baobá)

O escritor entrevistado ao final comenta sobre os mistérios que envolvem essa espécie vegetal, e um trecho do seu livro “Estórias Abensonhadas” é lido, onde o autor descreve o Baobá como uma árvore de grandes tristezas, por não apresentar flores e folhas em grande parte do tempo e que se suicida por meio das chamas. Esta é uma característica que a árvore apresenta, pois, quando muito velha, pode entrar em autocombustão. O escritor ainda coloca a árvore como um ser místico, além do biológico: “*É uma árvore cheia de histórias, é uma espécie de igreja, está cheia de espíritos, fantasmas, não é um ser biológico, é um cruzado de histórias (...)*”. A apresentadora pergunta ao escritor se ele considera o Baobá a árvore símbolo de Moçambique, e ele diz que pode ser a representação da região norte do país, apenas. E, então, a apresentadora conclui: “*É, Moçambique, assim como o Brasil, é grande demais para ter uma cara só, por maior que seja essa cara, né?*”

Este episódio traz valiosas informações botânicas, trata de termos científicos como a característica caducifólia, a ocorrência natural, a característica da floração, e, inclusive, conta com a presença de um botânico profissional. Ao mesmo tempo contém uma riqueza cultural no que diz respeito às crenças envolvidas nas histórias sobre a árvore, textos e histórias contidas em livros, filmes e a diversidade linguística encontrada em Moçambique. Por fim, através dessas diferentes histórias, conversas e crenças, fica difícil não notarmos um Baobá caso cruzarmos com algum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando olhares alternativos no que diz respeito ao estudo da botânica, consideramos a aproximação das plantas na vida dos alunos através da cultura. A possibilidade de aproximação da botânica com a cultura considerada neste estudo, em meio a tantas outras, se deu através do programa “Um Pé de Quê?” que, girando em torno de uma planta em cada episódio, possibilita a confluência de saberes que surgem de diferentes raízes, seja a científica, a cultural, a histórica etc. As entrevistas, que recebem a maior parte do espaço no programa, nos ensinam que o conhecimento tem muitas faces, é plural e se constrói de diferentes maneiras, sendo que todas elas nos levam a um único ponto: a criação de uma identidade para as plantas, retirando-as de um lugar de objeto e recolocando-as num novo lugar, o de sujeito. Assim, o conhecimento se torna mais horizontal, diferentes saberes ganham visibilidade e legitimidade, nem sempre antes proporcionadas em outras instâncias educativas. Muitos são os que podem contribuir com algum saber para que se construa a *identidade botânica* almejada pelo programa, e todos os saberes apresentados podem, então, auxiliar nessa identificação, ou seja, na transformação de uma planta em um sujeito cheio de histórias. Portanto, as possibilidades de aproximação das plantas com as nossas vidas são múltiplas. As plantas mudam conforme os lugares e as estações do ano, ganham contornos e cores diferentes a cada período, o qual também varia de acordo com cada planta individualmente, definem as impressões que sentimos em determinados lugares, além de nos prestigiar com seus frutos e embelezar nossos dias com suas flores. As plantas parecem se exhibir o tempo todo, cabe a nós enxergá-las.

REFERÊNCIAS

- GAGLIANO, M; **Seeing Green: The Re-discovery of Plants and Nature’s Wisdom**; *Societies*, 2013. 3, p.147–157.
- MARTINS, C. M. C; BRAGA, S. A. M. As idéias dos estudantes, o ensino de biologia vegetal e o vestibular da UFMG. In: **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, 1999. 2. Valinhos. Atas. São Paulo: ABRAPEC.
- MARTINS, L; **A Botânica na TV: Um Estudo Sobre o Programa “Um Pé de Quê?”**; Monografia apresentada ao Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Biológicas. 2008.

SILVA, L.M.; CAVALLET, V.J.; ALQUINI, Y. O professor, o aluno e o conteúdo no ensino de botânica. **Revista Educação**. v. 31, p. 67-80. 2006.

SILVA, P. G.P; CAVASSAN, O; A Influência da Imagem Estrangeira Para o Estudo da Botânica no Ensino Fundamental. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**. v.5, n 1, p. 5-16. 2005.

WANDERSEE, J. H; SCHUSSLER, E. E. Toward a theory of plant blindness. **Plant Science Bulletin**, 47, 2–9. 2001.

YOREK, N; ŞAHİN, M e AYDIN, H; Are Animals ‘More Alive’ than Plants? **Animistic-Anthropocentric Construction of Life Concept**; 5(4), 369-378. 2009.